



Elena (Petra Costa, 2012). Fonte: divulgação.

***Elena*: a identidade contemporânea no filme de Petra Costa**

Rebeca Ferreira¹

Discente do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas

Resumo: Este artigo se propõe a analisar o longa *Elena*, da mineira Petra Costa, documentário biográfico sobre a irmã da diretora, formulando apontamentos e demonstrando-o contemporâneo a partir das ideias de Agamben e definições de filme-ensaio.

Palavras-chave: cinema contemporâneo; Petra Costa; cinema brasileiro.

Abstract: *This article aims to analyze the film Elena, directed by the brazilian Petra Costa, an biographical documentary about the filmmaker's sister, formulating notes and demonstrating it contemporary by the ideas of Agamben and definitions of essay film.*

Keywords: *contemporary cinema; Petra Costa; Brazilian cinema.*

Elena (2012), o longa-metragem de estreia da belo-horizontina Petra Costa, e também o documentário mais visto no Brasil em 2013, com 58mil espectadores², é um documentário com linhas de diário em que a diretora e protagonista Petra percorre os passos da irmã Elena. Esta, nascida no auge da ditadura militar e desde nova incentivada ao contato com as artes, encanta-se pelo cinema, mudando-se para Nova York em busca do sonho de ser atriz. Petra, 13 anos mais nova que Elena, já em sua vida adulta decide seguir os passos da irmã, mudando-se para a mesma cidade. Logo no início do filme nos são apresentadas imagens de arquivo feitas pela própria Elena, e Petra nos narra trechos das cartas escritas pela irmã, paralelamente contando sua história. Nos momentos iniciais, a voz *off* de Petra diz, em tons de confissão, que mudara-se para Nova York pensando que talvez fosse possível encontrar a irmã. Apenas nos trinta minu-

¹ rebecafr@gmail.com

² <http://oca.ancine.gov.br/media/SAM/2013/DistribuicaoSalas/informeanual2013.pdf>

tos finais de filme nos é revelado que Elena falecera anos antes, por suicídio. A voz *off* de Petra nos acompanha durante todo o filme e é possível dizer que ele encaixa-se em algumas das definições de documentário performático de Bill Nichols (2012): essa voz *off* somada às imagens dão um enfoque altamente emocional e subjetivo ao filme, além de possuir uma estética bastante diferenciada dos modelos tradicionais de documentários – ainda que contenha uma voz acompanhando as imagens e alguns poucos depoimentos, *Elena* apresenta uma técnica cinematográfica mais livre, ora contando a história de vida de Elena e lendo suas cartas – enquanto em tela nos são exibidos os vídeos caseiros da família – ora refletindo sobre o momento vivido e mesclando os seus pensamentos aos da irmã mais nova – com imagens recentes de sua ida à Nova York – de modo que a narração não serve apenas para contar a história, mas também para evidenciar a forma que a diretora se sente sobre ela. Tais ideias de subjetividade e impressão do documentarista a respeito do tema, somadas à preocupação estética do filme faz com que *Elena* também possua algumas características de documentário poético, ainda que não o seja totalmente.

A definição de *Elena* como documentário performático também nos dá brechas para encaixá-lo em modos experimentais de se fazer cinema, podendo se referir ao longa também como um filme ensaio. No campo das palavras, o *ensaio* é definido como um texto breve, situado entre o poético e o didático, que expõe ideias e reflexões acerca de um tema histórico, político ou social, sem a necessidade de provas empíricas. A ideia de cinema-ensaio ou vídeo-ensaio bebe nessa definição para traçar suas características; Arlindo Machado discute a possibilidade de *ensaios não escritos*, colocando o documentário como o formato audiovisual mais próximo ao ensaio, escrevendo:

O documentário começa ganhar interesse quando ele se mostra capaz de construir uma visão ampla, densa e complexa de um objeto de reflexão, quando ele se transforma em *ensaio*, em reflexão sobre o mundo, em experiência e sistema de pensamento, assumindo portanto aquilo que todo audiovisual é na sua essência: um discurso sensível sobre o mundo. (MACHADO, 2013, p. 6, grifo do autor)

Em *Elena*, o mundo da diretora e de sua irmã não apenas é retratado, mas também vira objeto de reflexão – da própria Petra e do público, que aos poucos conhece a história das duas, ainda que sempre pela visão da irmã mais nova. No longa busca-se chegar a algo – aos lugares e sentimentos da personagem –, sendo o filme sobre essa trajetória, mesclando as experiências fílmicas com a vida da diretora e personagem, tornando-se uma só.

Deste modo, sendo um documentário com características de ensaio, é possível retomar um texto de André Bazin, em que o autor define o filme *Cartas da Sibéria* (Letter from Siberia, Chris Marker, 1957) como um “ensaio documentado”, o que pode ser um termo bastante cabível para a obra de Petra. Ainda que muito distintos em técnica e temática, as considerações de Bazin aplicam-se à *Elena*. Bazin (1958, online, tradução nossa) define o longa de Marker como “um ensaio documentado em filme. A palavra importante é *ensaio*, entendido da mesma forma que na literatura – um ensaio ao mesmo tempo histórico e político, escrito por um poeta”. Bazin diz ainda que a montagem do filme de Marker se deu “do ouvido para o olho”, de uma forma que ele chama de *horizontal*, pois a narração não é feita de modo a explicar e organizar a imagem, trazendo uma ideia de causa e consequência, mas sim de acompanhá-la. “Aqui, a imagem dada não se refere ao que a precedeu ou a seguirá, mas ao invés disso, refere-se lateralmente, de alguma forma, ao que se é dito” (BAZIN, idem). Tais definições assemelham-se então ao filme de Petra, no qual as imagens parecem muito mais dependentes do texto falado do que ao contrário – ainda que a maior parte delas tenham sido capturadas anteriormente à criação da narração, as imagens de arquivo ou as filmagens da diretora em Nova York são complementos às reflexões de Petra e leituras das cartas de Elena. A voz *off* do filme poderia, sozinha, constituir-se de um ensaio literário, mas soma-se às imagens de modo sensível, criando um ensaio audiovisual.

Não apenas por se encontrar nas definições de filme-ensaio – este sendo um modo de fazer filmes bastante atual – *Elena* encontra-se sob as definições de cinema contemporâneo, podendo encaixá-lo ainda em outras ideias sobre o tema. Ainda que a definição mais difundida de contemporaneidade seja a de coexistir, de viver na mesma época no tempo do outro (como é, este artigo contem-

porâneo do filme de Petra), ao se tratar do cinema, buscamos o significado de contemporâneo na filosofia e ciências sociais – aqui, nas ideias do filósofo italiano Giorgio Agamben. Para Agamben, contemporaneidade é

uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; *mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (2009, p. 59, grifo do autor)

Em outras palavras, o homem contemporâneo, ou ainda o cinema contemporâneo é aquele que se separa de sua época, que não se adequa à ela. O longa de Petra Costa pode ser percebido como contemporâneo, nessas definições, sob dois viéses: o da estética visual e o da narração.

Em termos estéticos, o cinema de Petra rompe com a ideia de fazer cinema tradicional, de seu tempo, e busca, por meio da montagem, utilizando-se de imagens de arquivo e de diferentes dispositivos, um modo diferente de criar um filme. O cinema contemporâneo subverte os suportes, sem deixar de a eles revisitar. O contemporâneo no filme se dá pela forma em que ele é montado, pela sua contraposição entre imagens do presente de Petra e do passado de Elena, aderindo ao tempo retratado (ao visitar Nova York e filmar momentos atuais) ainda que se distancie dele (por meio das imagens de arquivo, de passado).

A narração de *Elena* é um dos pontos que mais intrigam no filme – por que Petra narra em verbos no presente as memórias que tem da irmã? Em uma outra definição de contemporâneo, Agamben diz que:

A contemporaneidade se escreve no presente, assinalando-o antes de tudo, como arcaico (...) Arcaico significa: próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste. (2009, p. 69, grifo do autor)

Ao narrar o passado com tempos verbais no presente, Elena parece ainda pertencer ao universo vivido por Petra, mesmo que tenha falecido há anos. Além disso, ao narrar no presente coisas acontecidas no passado, Petra acaba, talvez propositalmente, fazendo referência ao conceito de contemporaneidade definido por Agamben, pois ao mesmo tempo que fala do arcaico (o passado da irmã), apresenta-o como pertencente ao presente (por meio dos tempos verbais).

Não é possível afirmar que Petra inspirou-se em teorias sobre o homem e o cinema contemporâneo ao conceber seu longa, mas *Elena* o é – o filme foge ao modo clássico e traz um pensamento de contemporaneidade, seja em seu modo (documentário e ensaio), seja em suas escolhas narrativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é ser Contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinícius Nastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. Disponível em: <<http://goo.gl/QCaISD>>. Acesso em abril/2016.

BAZIN, André. **André Bazin on Chris Marker**. Disponível em <<http://chrismarker.org/2015/10/andre-bazin-on-chris-marker-1958/>>. Acesso em abril/2016.

MACHADO, Arlindo. **O filme-ensaio**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26., 2003, Belo Horizonte, MG. Anais Mídia, ética e sociedade. Belo Horizonte, MG: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2003. Disponível em: <<http://>

www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP07_machado.pdf>. Acesso em: abril/2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Manins. Campinas: Papirus, 2012.

XAVIER, Ismail. **A água e os sonhos**. Disponível em: <<http://www.blogdoims.com.br/ims/a-agua-e-os-sonhos-por-ismail-xavier>>. Acesso em: abril/2016.

OBRAS AUDIOVISUAIS

CARTAS DA SIBÉRIA. Letter from Siberia.
Chris Marker. França, 1957, 35mm.

ELENA. Petra Costa. Brasil, 2012, 35mm/DCP.